

# Melhôr do que se pensa

28 JUL 1988

Padre JÚLIO MUNARO

OLGLOBO

No passado, com conhecimentos científicos e técnicos escassos ou quase nulos, a saúde e a vida dos homens ficavam expostas aos caprichos da natureza, sem que o homem pudesse reagir de forma adequada e eficiente. A mortalidade precoce era rotina, tanto assim que no tempo de Cristo e do Império Romano a expectativa média de vida oscilava entre 28 e 30 anos e, embora os casais tivessem entre sete e oito filhos, o crescimento demográfico não conseguia atingir 6,1% ao ano.

Mas não era só. A maioria das pessoas arrastava problemas de saúde ao longo de toda a sua vida.

As deficiências que acarretavam tal situação provinham das precárias condições de vida da população em geral e da carência de recursos terapêuticos da época. Esta penosa situação prevaleceu no Ocidente ao longo de toda a Idade Média, com alguma melhoria, pouco significativa aliás, no final do século XV e início do século XVI.

Os grandes hospitais que surgiram no início do século XVI, na Europa, apesar de verdadeiros monumentos arquitetônicos, não passavam de abrigos para miseráveis ou quase. Eram considerados o lugar dos pobres, tratados com cama, chá e comida, nem sempre suficientes e de boa qualidade. As doenças contagiosas, muito comuns na época, passavam de um doente para outro com extrema facilidade, já que, em muitos hospitais, colocavam-se quatro, seis e até mesmo oito doentes numa mesma cama e certas enfermarias abrigavam cem ou mais doentes.

Compreende-se, pois, que no tempo da Revolução Francesa se preconizasse a abolição dos hospitais por considerá-los mais prejudiciais que úteis à população. Os profissionais da saúde eram poucos, de conhecimentos científicos rudimentares e com equipamentos técnicos que sequer mereciam este nome.

O verdadeiro salto qualitativo e quantitativo na melhoria das condições de vida e de saúde aconteceu ao longo do século passado e no decorrer deste. A Humanidade pareceu dar-se conta de que tinha pela frente condições quase inesgotáveis para melhorar sua qualidade de vida e de saúde. O caminho entrevisto era o da ciência, da técnica e da organização social. O homem enveredou neste rumo, disposto como nunca para a ação e transbordante de confiança.

Os resultados não se fizeram esperar. Hoje estão à vista de todos não só nos países desenvolvidos, mas também nos mais pobres. Apesar do crescimento demo-

gráfico assustador, que no curto espaço de 140 anos transportou a Humanidade de um para cinco bilhões de pessoas, a expectativa de vida para os mais privilegiados se aproxima dos 80 anos e para os demais já ultrapassa a casa dos cinquenta, criando para quase todas as sociedades o problema dos idosos.

Do Brasil, se disse e repetiu, com ecos que ressoam até hoje, que "é um grande hospital sem hospitais". Que a saúde em nosso país não anda tão bem quanto seria de esperar está fora de dúvidas. Também os doentes têm sérios motivos de queixas quanto às proverbiais filas do Inamps ou de outros serviços de saúde, estaduais ou municipais, bem como do atendimento que lhes é prestado em caso de internação.

Não se pode, contudo, negar que, pelo menos nas cidades e nas zonas rurais mais desenvolvidas, bem ou mal, a população está sendo atendida. Corre até a queixa de que muitos doentes são internados sem necessidade. Aliás, conhecem-se casos de hospitais que já não trabalham a plena carga e chegam a disputer doentes. Entidades particulares, nacionais e estrangeiras, de prestação de serviços de saúde estão correndo ao encalço de clientes das classes alta e média.

Visam lucro? Sim, mas de quem tem possibilidades e deixam mais oportunidades de atendimento no Inamps etc. para os menos favorecidos socialmente. Acrescenta-se a isto que boa parte das grandes empresas montaram serviços de saúde para os seus funcionários e seus dependentes.

Quanto ao número de profissionais médicos, o Brasil já está se aproximando do ideal preconizado pela OMS, isto é, um médico para cada mil habitantes, com a ressalva de que sua distribuição continua inadequada. As grandes cidades estão saturadas de médicos, enquanto o Interior padece por falta desses profissionais. Mas para o observador atento, também este desequilíbrio está em fase de superação.

O que talvez falte na formação dos profissionais médicos é a consciência de que também sobre a sua profissão pesa uma hipoteca social. Aliás, esta deficiência não é apenas deles. Corre no sangue de quase todos os brasileiros, a começar pelos políticos que, por sua função, deveriam estar imunes desta pecha.

A OMS e o Unicef lançaram, em 1978, o slogan-meta: "Saúde para todos no ano 2000". Para atingir este objetivo propuseram as chamadas "ações básicas de saúde", com a finalidade de solucionar os problemas mais elementares que afetam a saúde da população. O ano 2000 está pró-

ximo também para o Brasil.

Se não tomar cuidado, o País poderá chegar à data aprazada sem ter cumprido a tarefa. As ações básicas de saúde, no entender da OMS-Unicef, devem envolver a participação de toda a população e não apenas a ação de profissionais da saúde. De fato, os cuidados de saúde dependem mais de cada cidadão individualmente do que de serviço de terceiros. Mas para tanto é preciso motivar e educar o indivíduo e esta tarefa cabe primordialmente aos profissionais da saúde. David Werner, médico norte-americano que se dedica à promoção da saúde da população rural do México, diz aos agentes populares de saúde por ele formados: "Você agora é um auxiliar de saúde. Lembre-se que a sua primeira obrigação é a de ensinar aos outros o que você já sabe."

Que tal se nossos profissionais de saúde adotassem para si este princípio e o colocassem em prática? Educar para a saúde é garantir saúde. Também neste ponto surgem indícios promissores, com livros e revistas que abordam problemas práticos de saúde, com seriedade científica e linguagem popular. A aceitação está sendo muito favorável, o que denota um campo a ser mais bem explorado, tanto por órgãos governamentais quanto pela iniciativa privada.

Nos últimos anos ficou comprovado que certas campanhas de saúde, com objetivos bem definidos e ações bem específicas, alcançaram resultados surpreendentes. Foi o que aconteceu com a vacina Sabin que contribuiu, além do mais, para conscientizar a população sobre a importância das vacinas básicas, sobretudo para as crianças.

Outro exemplo, mais recente e mais restrito, foi o do soro caseiro contra a desidratção infantil, que, há alguns anos, era um problema social traumatizante, de elevados custos financeiros e com muitas perdas de vidas. Hoje, praticamente não preocupa mais ninguém.

O Brasil vai mal de saúde? Os mais pessimistas acham que sim. Os observadores atentos e objetivos não estão plenamente satisfeitos, mas reconhecem que nas últimas quatro ou cinco décadas percorremos longo caminho e o indicador mais seguro do progresso alcançado é que a expectativa média de vida da população brasileira já ultrapassou a barreira dos 60 anos. A mortalidade infantil também vem regredindo. Há muito por fazer, mas muito já foi feito.

O Padre Júlio Munaro é Coordenador da Pastoral da Saúde da Arquidiocese de São Paulo.